

COMANCHE STATION / 1960

Emboscada Fatal

Um filme de **Budd Boetticher**

Realização: Budd Boetticher / **Argumento:** Burt Kennedy, segundo uma história de Budd Boetticher / **Fotografia:** Charles Lawton Jr. / **Montagem:** Edwin Bryant / **Música:** Heinz Roemheld / **Cenários:** Howard Campbell / **Som:** George Cooper / **Interpretação:** Randolph Scott (Jefferson Cody), Nancy Gates (Mrs. Lowe), Claude Akins (Ben Lane), Skip Homeier (Frank), Richard Rust (Dobie), Rand Brooks (homem da estação de muda), Foster Hood (comanche com a lança), Joe Molina (chefe comanche), Vince St. Cyr (guerreiro), P. Holland (rapaz)

Produção: Columbia / **Produtor:** Budd Boetticher, Ranown Production / **Produtor Executivo:** Harry Joe Brown e Randolph Scott / **Cópia:** DCP, eastmancolor, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 73 minutos / **Estreia Mundial:** E.U.A., Março de 1960 / **Estreia em Portugal:** Cinema Olympia, 14 de Dezembro de 1960.

Com **Comanche Station** chegamos ao fim do ciclo Ranown, ou seja do ciclo de westerns, protagonizados por Randolph Scott e dirigido por Budd Boetticher e quase sempre com argumento de Burt Kennedy. E o fim é como o princípio: por isso mesmo quer Boetticher, quer os seus comentadores afirmaram que ao longo destes sete filmes, é sempre a mesma história que se conta. E sé há alguma verdade no famoso dito "o estilo é o homem" então de **Seven Men From Now** até **Comanche Station** é indiscutivelmente a mesma personalidade que emerge: ao contrário dos homens e da época, Budd Boetticher não parece afectado por qualquer crise de identidade. Ele conhece-se e dá-se a re-conhecer.

Comanche Station surge pois, como a obra mais perfeita – aquela onde o controle dramático e formal é rigorosíssimo – do Ciclo Ranown, prova de que a fórmula está completa. Os ingredientes estão presentes, mau grado o seu despojamento ser aqui quase total:

— em primeiro lugar há a solidão do herói. Jefferson Cody (Randolph Scott) é apenas a centáurica silhueta que se move na linha do horizonte e se apronta para superar o dédalo de rochas que se atravessa no seu caminho. Os primeiros planos de **Comanche Station** são (oh! se são) a vera imagem de escassez: a nudez da pedra, a imensidão desértica, o silêncio primordial. Imagens de ausência que sublinham afinal a presença do cavaleiro. Algo se move. E com essa pequena desordem se inicia a ficção;

— por outro lado estas imagens da natureza (rochas; o rio que é preciso transpôr; o fascínio, à beira do fetichismo, que emana dos cavalos) denuncia a propensão cósmica do cinema de Boetticher. Que era afinal a mais forte dimensão do western antes do género se transformar em mais ou menos conseguida metáfora sociológica, política ou psicanalítica;

— tal como nos outros filmes do Ciclo Ranown, também em **Comanche Station** o passado – um passado forte quer em termos de "vivido" quer em termos de determinação moral do herói – se insinua por todas as fendas da granítica ficção. Só um aparte para dizer que os filmes de Boetticher vivem na eminência do "flashback",

recurso formal que, contudo, o cineasta recusa eventualmente por razões de economia – no sentido mais estrito do termo - mas também porque a carga significativa desse passado parece assim, ao ser só aludido, duplamente reforçada;

— **Comanche Station** define, à imagem dos filmes anteriores, através do percurso do herói, a sua moral: uma moral de ferro. A decisão de vingança ou de busca (caso do filme de hoje) tomada pelo herói é severa, não se detendo nos obstáculos impostos pela natureza, pelos homens ou pelo tempo. O exemplo, mais profundo é obviamente o da relação de Randolph Scott com as heroínas dos seus filmes: herói intangível. Se uma daquelas mulheres tocasse o corpo de Scott encontraria o vazio, porque ele não é mais do que um puro espírito. Pode haver ligeiras excepções (**Tall T**), mas **Comanche Station** é a mais acabada prova do que afirmo;

— o final de **Comanche Station** é também parte integrante da fórmula de Boetticher. Deixando de lado o consolador "happy-end" implícito em **Seven Men** e claramente expresso em **The Tall T**, em **Comanche Station** o fim é seco, repetindo discretamente a solidão do princípio; o herói está de novo só e sem lugar, errante portanto e bebendo até às fezes o cálice do seu estoicismo.

Se chamámos já a atenção para as questões de fundo que fazem de **Emboscada Fatal** o "happy-end" do Ciclo Ranown cabe ainda destacar alguns pormenores que valorizam extraordinariamente o filme.

Completando o quadro cósmico traçado por Boetticher na – ou com a – própria natureza, há uma cena em **Comanche Station** que é de exemplar mestria: a do aparecimento dos índios. Os índios não aparecem, emergem. Ligação entre o alto e o baixo, os índios irrompem do próprio chão, destacando-se contra – ou suportando nos ombros – o céu. Iguamente exemplar é, em termos de "mise-en-scène", toda a sequência da troca: a mão de Randolph Scott aberta, paralela ao chão, compõe o dispositivo de oferta enquanto o grande plano da lança espetando-se (zzzt) no solo, qual ficção de captura, vem selar obscuramente o contrato. Belíssima é depois a cavalgada até ao acampamento com os guerreiros cavalgando em círculo no meio do qual, deus entre deuses, guerreiro entre os guerreiros, vai Randolph Scott. Se rei ou prisioneiro só Deus, de cujo ponto de vista aliás se executa o plano, o pode dizer.

Mas se há coisas para as quais Deus não é chamado, essas são as coisas entre os brancos. Começo por referir a cena do encontro entre Cody e a mulher e o bando de Ben Lane (Claude Akins). É delicioso o "raccord" de olhares entre Randolph Scott e Akins, no meio de um tiroteio infernal. Todo o percurso em que vão por força de circunstâncias seguir juntos está assinalado pelo fantasma do dinheiro que vem conotar moralmente a troca subjacente à história do filme: recuperar a mulher significa ganhar cinco mil dólares. O projecto de Lane e do seu bando é – ao contrário do modelo de troca praticado pelos índios – de um consumado cinismo: conseguir por nada os 5 000 dólares. Ou seja, morte (é preciso eliminar Cody e a mulher) igual a dinheiro. Fechando o círculo está a posição de Scott paradoxalmente similar: dá a mulher, sem receber nada. Sinal do seu apagamento, do seu vazio, da sua morte. Falando de perdas e ganhos, Randolph Scott perde tanto como qualquer dos membros do bando de Lane. É exactamente como Jim Kitses escreveu a propósito da moral dos filmes de Boetticher: "everyone loses".

M. S. Fonseca

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico